

Conjuntura Inflação deve ficar
"um pouco acima de 4%"

Pressão cambial é transitória, diz Fraga

Mônica Izaguirre
De Brasília

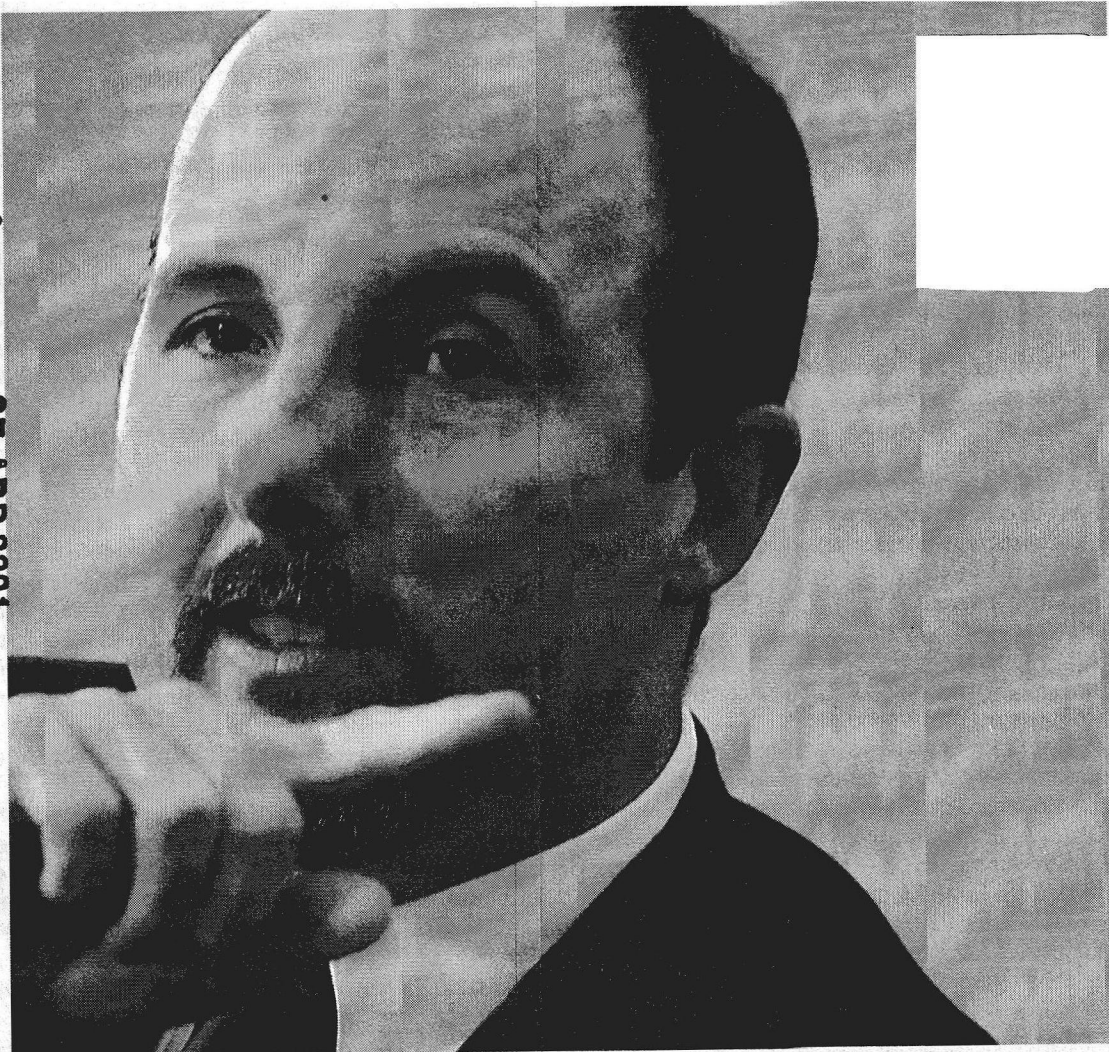
Preocupado com os efeitos da desvalorização cambial sobre os preços da economia e a inflação, o presidente do Banco Central (BC), Armínio Fraga, garantiu, em entrevista ontem, que a pressão atual sobre a taxa de câmbio é transitória e que há espaço para uma valorização do real.

Admitiu, porém, que a inflação, medida pelo IPCA, deve fechar o ano "um pouco acima de 4%", que é o ponto central. Mas ficará dentro da faixa de tolerância, que é de 2 pontos percentuais para cima ou para baixo. Fraga prometeu que, se for necessário fazer uma reunião extraordinária do Comitê de Política Monetária (Copom) para analisar um novo aumento dos juros, a sociedade será avisada antes de a reunião começar. Assumiu esse compromisso por causa dos boatos de que haveria nova rodada de aumento dos juros.

"Uma parte do movimento cambial é passageiro. Poderemos sim ver uma valorização da taxa de

câmbio. Eu não excluirei uma flutuação para baixo porque estamos vivendo um momento de turbulência. Não creio que estamos vivendo uma situação irreversível", disse Fraga, sem arriscar uma previsão de quanto poderia ser essa valorização. Não há como prever a exata duração das turbulências externas que estão pressionando a taxa de câmbio, principalmente a crise da Argentina. "Não sei quando as nuvens vão passar", diz Fraga. Assegurou, por outro lado, que "não temos o que temer", pois o país está "preparado para administrar esta fase difícil", reiterando o argumento de que os fundamentos macroeconômicos do país estão bem assentados.

Entre os fundamentos, ele ressaltou a evolução das contas públicas, com o cumprimento das metas de superávit primário do setor público. "Temos uma base fiscal sólida", afirmou. O déficit em transações correntes do país (despesas líquidas com importação de bens e serviços e remessas de renda ao exterior) vem sendo financiado em boa parte com investimentos diretos, capital de longo prazo, desta-



Armínio Fraga: "Uma parte do movimento cambial é passageiro. Poderemos sim ver uma valorização do câmbio"

cou Fraga. Apesar do fluxo do primeiro bimestre ter decepcionado, o presidente do BC acredita que os investimentos diretos este ano chegarão a US\$ 23 bilhões como previsto no último memorando do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

O presidente do BC não descartou a possibilidade de novas intervenções no mercado de câmbio, seja para vender dólar, seja para oferecer hedge ao mercado na forma de títulos atrelados à taxa de câmbio. Fraga rebateu as críticas de que a atuação do BC para conter o dólar é tímida, dizendo que, num regime de taxas flutuantes, não é saudável oferta de hedge em

grande escala. Ele disse ainda que não cabe à autoridade monetária querer fixar um nível de taxa de câmbio. Como a preocupação é com o efeito sobre a inflação, o correto é agir via taxa de juros, tentando evitar o repasse aos preços.

Intervenção, defendeu Fraga, só em momentos de falta de liquidez no mercado de câmbio, o que ocorreu, segundo ele, na semana passada, levando o BC a fazer leilão de títulos cambiais. "A liquidez havia secado naquele momento", justificou. Ele disse ainda que o interesse por hedge já diminuiu.

O presidente do BC sustentou que a "calibragem" da taxa de juros decidida pelo Copom "está cor-

reta". Lembrou que o intervalo de tolerância da meta admite que a inflação fique até dois pontos acima de 4%. O rigor de se perseguir o ponto central da meta, disse, não pode se confundir com chegar-se precisamente ao alvo. Ele comparou o BC a um atirador que se contenta em acertar dentro do círculo em torno de um alvo, embora se esforce sempre para atingi-lo.

Numa resposta aos que acham que os juros subiram pouco, Fraga lembrou que o mercado já elevou por duas vezes a suas taxas em três pontos percentuais, o que significa que o efeito da decisão do Copom não é inócua sobre o custo do dinheiro.